

INTRODUÇÃO DA OSTREICULTURA EM COMUNIDADES NO ESTUÁRIO DO RIO SÃO FRANCISCO, FIXAÇÃO E CRESCIMENTO DE OSTRAS *Crassostrea rhizophorae*.

A.C.C. Dias da Silva, S.M. dos Santos & R.T. Fraga*

*Fundação pró-TAMAR
Reserva Biológica de Santa Isabel S/Nº
49190-000 – Pirambu, SE, Brasil

A Foz do Rio São Francisco é formada por uma barra principal e diversos canais, cobertos por uma densa vegetação de manguezal formando uma segunda barra, que recebe água doce ao longo de seu percurso de dois riachos. Esta formação conhecida como Braço do São Francisco, possui na porção Sul um Cabo, que margeia o litoral, denominada de Ponta dos Mangues. A laguna é margeada por manguezais, inclusive apicum e dunas com área aproximada de 168.000 m². As comunidades no entorno do estuário, localizadas no Estado de Sergipe, sobrevivem basicamente da pesca extrativa de peixes, moluscos e crustáceos, atividades estas que garantem a subsistência de várias famílias, mas a sobrepesca manejo adequado contribui com o enfraquecimento dos estoques pesqueiros naturais. Com objetivo de avaliar índices de fixação e crescimento da ostra *Crassostrea rhizophorae*, e introduzir, desenvolver e monitorar a ostreicultura como alternativa econômica comunitária viável, o Projeto TAMAR iniciou um levantamento em dezembro/97 na parte Sul do estuário visando encontrar um local ideal para instalação de um projeto piloto. Foram coletados dados de profundidade e salinidade nos picos e intervalos entre marés, para escolha do local e, definido o melhor ponto, foi amostrada a água para dosagens físico-químicas, metais pesados e coliformes, enquanto, para estimular o envolvimento comunitário nos trabalhos, foram realizadas duas reuniões para apresentar o projeto, demonstrar metodologias de cultivo e divulgar os primeiros resultados. A montagem do “varal” piloto foi feita utilizando materiais de baixo custo e fácil aquisição como troncos de coqueiros, bambus e varas de eucalipto. Foi utilizado um modelo fixo de cultivo e dois tipos de coletores, um do tipo “colar de cascas” para fixação e engorda, e outro para retirada de sementes, confeccionado a partir de garrafas descartáveis de polietileno, medindo em média 22,0 x 30,0 cm, objetivando o cultivo de ostras soltas.

A partir de resultados ideais das análises, e contando com o envolvimento de quatro pessoas da comunidade, iniciou-se a distribuição no varal de cultivo dos colares de casca, foram distribuídos inicialmente 100 colares em março/98, permanecendo todo o tempo sob a água, e através de observações diárias foram constatados, a partir do quinto dia, vários pontos de fixação. Com vinte dias de colocados receberam o primeiro castigo, ficando fora d’água por aproximadamente 08 horas, com esse procedimento se repetindo semanalmente. Até junho foram colocados 900 colares, sendo que nos primeiros colocados as ostras mediam em média 4,0 cm. Os coletores plásticos foram pendurados no varal, e produziram em vinte dias sementes com tamanho médio de 1,2 cm. Esses coletores revelaram grande produtividade de sementes, chegando alguns a produzirem mais de 700 sementes viáveis. Estas sementes foram distribuídas soltas em caixas de PVC furadas, obtendo um crescimento melhor que o das ostras dos colares.

O local se revelou excelente para o cultivo de ostras. Com os dados obtidos neste piloto, experiência adquirida no manejo, e capacitação e envolvimento de pessoal local, criou-se subsídios para a instalação dos primeiros cultivos comunitários.

SILVA, A.C.C.D. da; SANTOS, S.M.; FRAGA, R.T. Introdução da ostreicultura em comunidades no estuário do Rio São Francisco, fixação e crescimento de ostras *Crassostrea rhizophorae* . In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE AQUICULTURA, 10., 1998. Recife. **Resumos...**, [S.l.:s.n.]. 1998, p.182.